

## LEITURAS DE BARTHES

### III. Derrota científica, deriva semiológica

L. G. Soto

#### Abstract

Monograph on reception of Barthes's work in the critical literature in English, French, Italian, Portuguese and Spanish, in which the very different approaches are studied in five main themes. In this third chapter books by S. N. Lund, G. Mallac & M. Eberbach and G. Patrizi, and articles by M. Buffat, U. Eco & I. Pezzini, F. Flahault, J. Kristeva, P. Lombardo, S. Reckert and E. Verón are commented. All of them pay attention to the many-faceted activity of Barthes as a semiologist: they examine his methodological and thematic aims and turns in theoretical and practical semiotics, from his early analyses of myths in *Mythologies* (1957) to his late reflections on images in *La chambre claire* (1980), and they look at both his semiological «scientific» program after *Éléments de Sémiologie* (1964) and his semioclastical «literary» drift through the war of language/s since *S/Z* (1970).

---

#### Leituras de Barthes

É, este trabalho, um estudo monográfico sobre a recepção crítica da obra barthesiana, na literatura especializada em Espanhol, Francês, Inglês, Italiano e Português, no que som descritos e ajuizados em cinco capítulos livros e artigos organizados segundo eixos conceituais ou distribuídos por afinidades electivas, visando no resumo sucinto e no confronto pontual debuxar um perfil ou deixar umhas broxadas, esboçar umha outra (a própria) leitura e, seguindo o reflexo ou apurando o contraste, tentar o texto barthesiano, o seu curso, os seus recantos... temáticas, influências, polémicas.

#### Outra semiótica: semiofania, semiologia, semioclastia, semiotropia

De certo, sob a égide da Semiologia ou baixo o rótulo semiológico poderia colocar-se nom so boa parte –sem dúvida, os textos publicados desde *Éléments de Sémiologie* (1964) até *S/Z* (1970)– senom o trabalho barthesiano todo,... tal como

–nom so implicitamente– fixo o próprio Roland Barthes ao incorporar-se à cátedra de Semiologia Literária que desde 1977 viria ocupar no *Collège de France*. Sem embargo, as semiológicas contam-se, curiosamente, entre as leituras máis cautelosas e circunspectas da obra barthesiana... e nom precisamente por respeito aos seus detractores –que, por outra parte, deixam ouvir as suas (cientificamente, academicamente) autorizadas vozes máis bem tardiamente– senom paradoxalmente em consideraçom ao autor, quem –repetidamente, insistentemente– tanto *hors-texte* como nos próprios textos, aló polo remate dos sesenta e ao começo dos setenta, ora parece mudar copernicanamente o rumo (arestora técnico-científico, outrora crítico-político) ora mesmo semelha queimar as naves (semiológicas).

Com efeito, a primeira contestaçom ao projecto semiológico data do 68 com L. Prieto e, sobre todo, a resposta de G. Mounin às *Mythologies* (1957) nom chega até 1970, em pleno devalo ou remoçom, canto menos, daquel projecto semiológico inicial,... em definitiva, um pouco a destempo. E, por outra parte, ambos críticos nom deixam sem salientar os méritos dos trabalhos barthesianos. De facto, Prieto, no seu artigo «La sémiologie» (in *Le langage*, Encyclopédie de la Pléiade, N.R.F., Paris 1968), ocupa-se fundamentalmente de deslindar a «semiologia da comunicaçom», representada por E. Buysens e conforme à ortodóxia –científica– saussureana, e a «semiologia da significaçom», exemplificada polo –ensaísta e crítico– R. Barthes, heterodoxa mais nomeadamente interessante (p.94). Ainda, Mounin, que no texto «La sémiologie de Roland Barthes» (in *Introduction à la sémiologie*, Minuit, Paris, 1970) é muito máis crítico, destaca sem ambigüidades o valor do trabalho barthesiano (p. 189). Ora, a sua crítica incide, como ja se indicou, sobre as *Mythologies* (1957), soslaido outras propostas programáticas e básicas realizaçoms como *Système de la mode* (1967), e ademais chega em pleno devalo do projecto, em plena remoçom do programa semiológico barthesiano.

Ou seja, naqueles dias ja, o próprio Barthes tamém bota terra (e, talvez, demasiada) sobre esse seu trabalho, em especial sobre as suas tentativas e aportaçoms (máis técnico-científicas. Assi, p. e., na célebre entrevista intitulada «Réponses» (in *Tel Quel 47*, Paris, 1971, p.99) liquida cum par de passes um trabalho da envergadura (e a catadura) do *Système de la mode* (1967); ou, no prólogo de 1970 à segunda ediçom das *Mythologies* (1957), em cujo epílogo barruntara outrora o seu projecto semiológico, dirige-o agora –propriamente digerindo-o– cara umha semioclastia,...

Assi e todo, aquela denominaçom académica, a Semiologia Literária, além de coroar umha dedicaçom profissional e colorir umha notoriedade equívoca, veu sobre todo a colmatar um desígnio profundo, de feiçoms plurais e até com manifestaçoms contraditórias no percurso barthesiano.

Com efeito, a sua consagraçom institucional ao abeiro da Semiologia, nom so fazia justiça –em primeiro lugar– a umha dedicaçom profissional, ao seu lavor como ensinante e investigador, palpável nos seus cursos e seminários na *École Pratique des Hautes Études* ao longo dos anos 60 e boa parte dos 70, case exclusivamente votados ao trabalho semiótico (amplamente entendido, desde os «sistemas de significaçom» passando pola «análise textual» até o «discurso amoroso», mais nom por isso menos frontalmente abordado);... nom so viña a conto –em segundo lugar–

alguns renomeados títulos, entre os que exemplo saliente ou referência paradigmática pode bem ser *Éléments de Sémiologie* (1964), que concederom ao seu autor umha notoriedade equívoca (rápida e gozosamente celebrada que bem cedo haveria tornar-se esquiva e até infame), associando indevidamente –ou canto menos abusivamente– a sua rúbrica e a Semiologia, pois se bem algumas publicaçõs suas acidentalmente balizarom e case presidirom o dealbar desta nova ciência no contexto cultural francés, fórom logo justamente relegadas co rauda evoluir, desenvolver-se e constituir-se dessa disciplina (ja mesmo por obras vidas do seu próprio círculo, xurdidas no seu próximo entorno, como os trabalhos semióticos do seu camarada e mestre A. J. Greimas, as investigaçoens retóricas do colega e case discípulo G. Genette, etcétera);... senom que –aquela cadeira no *Collège*– tamém saía ao passo dum desígnio profundo, como o mesmo Barthes, explicitamente, nom deixou de assinalar na sua liçoem inaugural –publicada logo como *Leçon* (1978)– ao apresentar naquel entom tanto a sua obra passada como o seu magistério futuro baixo bandeiras semióticas ou com batuta semiológica, ainda bem sendo a sua, certamente, umha peculiar Semiologia, nom em vam apelidada literária, muito menos por se ocupar da literatura e muito máis por, sob capa ora de veleidade ora de manierismo, pesar sobre ela umha certa indeterminaçom, por arrastar umha densa caracterizaçom.

Em definitiva, se os estudiosos soslaiam elegantemente, olham de longe, ou examinam cuidadosamente, tomando as suas precauçoens, estes assuntos semiológicos que inçam importantes textos e insistem na obra toda, nom é devido, em primeiro lugar, nem –ou em pequena medida– aos expedientes, invectivas e venábulos que lhe foram abertos e dirigidos (assi, a acometida dos lingüístas, como Prieto ou Mounin, evacuando ou se se preferir sublinhando a sua intençom descalificadora e marginalizadora, venhem como muito a resituar –calificando-o outramente– na semiologia da significaçom o lavor barthesiano)... nem, é devido, em segundo lugar, tampouco –ainda que nalgumha maior medida– ao vigoroso desenvolvimto, expansom e consolidaçom da Semiótica (i. e., à fissom expeditiva do núcleo originário ao desenrolar-se a disciplina segundo programas científicos, como as investigaçoens sistemáticas de Greimas e Courtés ou Genette, e a consequente caducidade dumhas propostas demasiado elementares e umhas análises lastradas pola imperfeiçom técnica,... ou, segundo a versom do autor, ao *détour* e à *dérive* do próprio Barthes, à sua deserçom gozosa da empresa disciplinar, um oportuno despertar dum sonho de cientificidade)... cando, polo demais, o trabalho semiológico barthesiano, à postre emparentado, no espírito e nom na letra, à obra de Peirce, oferece-se generoso ao canibalismo intelectual, deixa-se recuperar, presta-se à tergiversaçom, saindo reforçado dumha *peregrinatio ad fontes* ou reforçando de saída umha *progressio in infinitum* das hoje muito diferentes semióticas (como, por exemplo, assinala U. Eco).

Antes bem, por tanto, os miramentos das leituras atenden aos recantos, as pregas, as dobras, os relanços dum empreendimento múltiplo: umha reflexom sobre o signo na que som incessantemente retrabalhados nom so o discurso, que conhece estatutos epistemológicos (e praxológicos) cambiantes, senom tamém a enunciaçom requerida e até mesmo a sua possível recepçom... umha reflexom sobre o signo, umha outra Semiótica, que desponta como «Semiofania» em *Mythologies* (1957) –ainda que

caberia sinalar pegadas anteriores- que calha logo como Semiologia, p. e., em *Système de la mode* (1967), que retorna despois como Semioclastia a partir de *S/Z* (1970), e que volve, outra vez; como Semiotropia em *Leçon* (1978). Por isso, este emprendimento múltiplo, com formas e fondos e funcións plurais, ligado parcialmente –mais nom so circunstancialmente– à actividade científica, fai sentir tamém fulgores estéticos, a cor do político, o quentor da moral,... como, à sua maneira, dim estas várias leituras todas.

## (21) Buffat

Em «Le simulacre» (T47, 1971, pp.108-114), Buffat proporciona os materiais para umha reflexom sobre «fala» e «escrita», em concreto entre os seminários e os textos de Barthes. Cando tratam, máis ou menos, o mesmo um seminário (por exemplo, «Análise estrutural dum texto narrativo, *Sarrasine* de Balzac» (1967-1969), por umha banda) e um texto (por exemplo, *S/Z* (1970), por outra banda), entom: a «fala» transcreve-se ou transforma-se na «escrita»? Cales som as relacións?

«... parece que je parle je ne peux écrire sans savoir que j'écris (et qu'écrire c'est: ne pas parler); parce que j'écris je ne peux parler sans savoir que je parle (et que parler c'est: ne pas écrire). Il n'existe plus de catégorie neutre –tel 'le discours'– qui puisse venir subsumer l'antinomie: tout énoncé est contraint à 'prendre parti', à se situer *dans* l'opposition parole/écriture. Parler (ou écrire), c'est toujours, désormais, produire une différence: distinguer, avant toute détermination, l'oral de l'écrit. (T47, 108-109)».

Assi plantejadas as cousas e barruntada umha certa explicaçom, Buffat passa a um reconto, breve exposiçom e comentários acerca do contexto dos seminários: 1962-1964, dedicado à análise dos «sistemas contemporâneos de significaçom: sistemas de objectos»; 1964-1966, titulado «investigaçoms retóricas»; e 1966-1967, sobre problemas da lingüística do discurso. Resulta óbvio o parentesco com textos: *Éléments de Sémiologie* (1964), *L'ancienne rhétorique* (1970),... seria talvez o momento e o lugar da comparaçom: enfrentar, interrogar «fala» e «escrita». Buffat nom entra nessas consideraçoms: aponta observaçoms sobre tal ou cal aspecto do seminário, esta ou aquela novidade contextual,... conclui afirmando a inseparabilidade de «fala» e «escrita» sem aclarar outra relaçom.

Poderia, ainda, resultar interessante recorrer a Barthes: vários textos seus tratam «fala» e «escrita», marcam diferenças, estabelecem relacións,... e logo comparar os seminários e os textos, se bem estoutra possibilidade queda unicamente em maos de Buffat (ou outro assistente). Por isso, todo fica, como sugere o título do artigo,... num simulacro (e mesmo caberia perguntar-se: estruturalista? postestruturalista?).

## (22) Eco & Pezzini

Em «La sémiologie des *Mythologies*» (C36, 1982, pp. 19-42), Eco & Pezzini realizam umha cala na semiologia de Barthes. Neste artigo, analisam-se e enjuízam-se as intuicoms e desenrols semiológicos em *Mythologies* (1957); texto este que,

además, serve as claves, como um plano ou umha cuadrícula, para seguir as posteriores elaboraçõs barthesianas.

Poderiam-se distinguir tres assuntos medulares –as características da semiologia em *Mythologies* (1957), as relaçoens entre esta e a lingüística e a continuidade do projecto mitologista em outros textos barthesianos– tratados em oito pontos: máis alá e máis acó do verbal, a vaza semiológica, em busca do sentido oculto, o mapa textual, mapa e código, a tentaçom do sistema, aventuras da conotaçom e conclusom. Estes epígrafes som claramente indicativos. Eco & Pezzini, na valoraçom de *Mythologies* (1957), zanjam a polémica cuestiom das confusõs, os erros e as equivocaçõs de Barthes. Dalguns, polo menos.

«...mais le Barthes de *Mythologies* y échappe, et instinctivement, il fait de la sémiologie comme le faisaient les grandes maîtres fondateurs de cette discipline, dans la Grèce antique. Ainsi Mounin reproche à Barthes ce qui a été son plus grand mérite: avoir compris qu'une sémiologie est une épistémologie générale, parce qu'elle offre des instruments pour reconnaître que faire de la science, c'est avant tout apprendre à voir le monde, dans sa globalité, comme un ensemble de faits *signifiants*. (C36, 23)».

Ainda máis, se essa semiologia interpretativa, em linha com Peirce, se desvia em outros textos, como *Éléments de Sémiologie* (1964) e *Système de la mode* (1967), deve-se, segundo Eco & Pezzini, a certas concessõs aos lingüístas: Barthes procurando rigor metodológico, sacrificaria riqueza teórica. Afortunadamente, *S/Z* (1970) e textos posteriores marcam, segundo estes autores, umha recuperaçom e ampliaçom das pautas de *Mythologies* (1957).

Ora bem, este interessante artigo, ao limitar-se case a *Mythologies* (1957), coxea. Por exemplo, se essas balbuciaçõs e esses desenvolvimentos semiológicos em *Mythologies* (1957) som tam interessantes, ¿nom será tamém interessante (e quiçais algo máis) um gigantesco e metódico error, como foi o *Système de la mode* (1967)? Ciência venhem sendo os achados e os fracassos. Que, por outra parte, nom sempre –e nas ciências humanas e nas disciplinas filosóficas, ainda menos– é fácil dizer cando som definitivos. Algo poderia ilustrar, esse caminho errado, na correcta semiótica. Tamém a importância ou a desmesura dos signos verbais poderia, se nom justificar-se, si explicar-se considerando outros textos barthesianos. Vários confirmariam, como sinalam Eco & Pezzini, a relevância da image,... Em fim, a semiologia é, na nossa opiniom, um projecto realizado, conformado e reformulado de *Le degré zéro de l'écriture* (1953) a *La chambre claire* (1980). Esta valiosa interpretaçom de *Mythologies* (1957) fica, por tanto, um pouco descontextualizada.

### (23) Flahault

Em «Sur *S/Z* et l'analyse des récits» (P47, 1981, pp. 303-314), Flahault comenta algumas insatisfaçõs deixadas por este texto barthesiano. Principalmente, contesta os códigos utilizados por Barthes em *S/Z* (1970) para ler *Sarrasine* de Balzac: hermenéutico de conotaçõs, simbólico, proairético, cultural. Segundo Flahault, as conotaçõs nom som componente específico do relato senom umha constante na comunica-

çom, o código cultural resulta ambíguo, o denominado em *S/Z* (1970) campo simbólico está insuficientemente formulado, o código hermenéutico...

Ainda que Flahault reconhece em *S/Z* (1970) tres níveis –umha reescritura de efeitos dum texto, umha análise técnica e uns apontamentos ou rascunhos de semiologia científica– no seu comentário pesam basicamente os dous últimos. Por isso, algumas observações, como as referidas ao campo simbólico barthesiano ou nas suas palavras componente simbólico, com todas as reticências e salvadas todas as distâncias, poderiam ser incluídas em *S/Z* (1970). Haveria, entom, que despraçar o acento da análise dos relatos à leitura dum relato. E à escrita, tamém análise, dessa leitura.

«Barthes, ai-je écrit plus haut, goûte le texte. Cela présuppose que celui-ci vaille comme substance, c'est-à-dire que la mise en scène narrative du composant symbolique *agisse* avant que d'être connue et analysée. Lire *S/Z*, c'est entrer dans le réseau d'une circulation substantielle alimentée par la production de Balzac et relayée par celle de Barthes. (P47, 312)».

A grandes rasgos, isto parece indiscutível: o menos que se pode dizer de *S/Z* (1970) é que se trata dumha leitura interessada. Pero em absoluto ingénua, declaradamente interessada. Nom porque se explicitem motivos ou justifique a eleição de *Sarrasine* de Balzac: porque a leitura constitui umha prática activa, intervencionista no relato balzaciano. Por suposto, a conivência cum texto, como assesta Flahault, paga-se. Mais, permite tamém descobrir outras perspectivas. Convém, além disso, lembrar que, em *S/Z* (1970), se escreve a leitura contra a análise, contra determinados usos da analítica técnico-científica em literatura. E, neste texto barthesiano, nom se mostra a inutilidade do instrumental senom cánto e cómo esses imprescindíveis cachivalhos e ferreganchos derrapam, esbaram na leitura.

## (24) Kristeva

Em «Comment parler à la littérature» (T47, 1971, pp.27-49), Kristeva teoriza sobre a literatura e o estudo da literatura, a partir dos textos barthesianos até entom publicados, abarcando desde *Le degré zéro de l'écriture* (1953) até *Sade, Fourier, Loyola* (1971). A pesar de outros importantes posteriores, por exemplo *Plaisir du texte* (1973), este artigo mantém a sua vigência e interesse. Porque nom se queda numha explicação dos textos: profundiza numha teoria do literário. Depois dumhas considerações introdutórias, Kristeva aborda o literário numha dupla perspectiva: language e escrita, ciência e crítica: música. Kristeva le Barthes a partir da textualidade de avanguarda: reflexiona sobre a literatura, ressalta a aproximação científica e o tratamento crítico nos textos barthesianos.

«Découvrant la littérature pour une science *possible*, il ouvre devant d'autres le champ d'une telle recherche proprement scientifique. Son travail à lui indique que la spécificité de la littérature réside précisément dans le passage entre ce *désir* de signifier l'a-symbolisé et l'a-symbolisable, où se lie le sujet, et l'*objectivité* que sanctionne l'histoire. Découverte radicale que ne saurait voir nulle histoire de la littérature, ni de l'esthétique, ni de la stylistique, bornées dans leurs fragmentations. (T47, 46-47)».

Kristeva entende a literatura como situação ou resituação da subjectividade, numha dupla vertente psicológica e histórica. Propriamente: so hai sujeito como tal na literatura: essa subjectividade escrita comporta umha modificação na inserção (constituição do subjectivo) na orde simbólica e o real. Kristeva adianta-se aos acontecimentos: Barthes adoptará, máis ou menos, estas teses a partir de *Fragments d'un discours amoureux* (1977); vários autores tomarám perspectivas similares ao comentar *La chambre claire* (1980). Tamém antecipa, polo que respeita à ciência da literatura e a crítica literária, posteriores teses barthesianas. Poderiam resumir-se: um, a ciência, o saber nem mingua nem quita prazer, o sabor literário: porque explica a literatura... a outro nível; e máis, case garante esse prazer: porque, dous, a leitura e a crítica podem (devem) incluir a ciência, utilizar o saber, aceitando a tutela do texto.

Estas soluções, assi como a questão da subjectividade (ainda que menos) encontram-se esboçadas nos textos compreendidos entre *Le degré zéro de l'écriture* (1953) e *Sade, Fourier, Loyola* (1971). Kristeva, abeirando a literalidade, esculcando-a e peneirando-a, realiza umha interessante interpretação. Apoiando-se noutra textualidade (máis ou menos, a própria) consegue que os textos barthesianos, falando sobre literatura, falem de si mesmos. Na nossa opinião, de considerar ainda os papeis e as transformações do literário, aqueles falariam tamém por si mesmos.

## (25) Lombardo

No artigo «Contre le langage» (C24, 1982, pp.726-733), Lombardo, arrancando cumha cita sobre a fadiga em *Fragments d'un discours amoureux* (1977), lança-se a umha reflexom sobre a language nos textos barthesianos. Exactamente, Barthes contra a language: o jogo de variações e o trajecto debuxado nos textos por language ou língua, escrita e estilo.

Entende Lombardo esse «Barthes contra a language» como um corpo a corpo: «contra» comprende tanto a oposição mútua como o mútuo apoio. Nessa tensom componhem-se tres figuras (a resistência, a exaltação, a fadiga) entre language, escrita e estilo. Correspondem-se, nos textos, com *Le degré zéro de l'écriture* (1953), *Sade, Fourier, Loyola* (1971) e *Leçon* (1978). No primeiro, estilo e escrita oponhem-se a língua ou language: a escrita perfila-se como um termo médio entre os outros dous. Em *Sade, Fourier, Loyola* (1971), identificam-se estilo e língua frente a escrita; pero a oposição transforma-se em fusom, festa, exaltação. Enfim, desde *Roland Barthes* (1975), o estilo adquire um valor positivo e termina por coincidir com escrita, arrincando-se aquel propriamente à language. A possibilidade de tal roubo exige, polo menos, aspas.

«J'abjure»: cela veut dire rejeter ce qu'on a écrit, 'pas forcément ce qu'on a pensé' (*Leçon*, p. 26): l'écriture ne tient pas, elle redevient langage; peut-être la pensée tient-elle, non la pensée comme idéologie, mais presque comme matière grise, le peu de nous enfoncé dans notre cerveau, dans notre corps, la pensée comme corps anonyme de l'auteur,...(C24, 732)».

Na fadiga da escrita desliza-se o corpo: um corpo de antes ou de depois da

language. Ora, salvas todas as matizações, resta uma dificuldade, tampouco alheia aos saltos textuais –i. e., *Le degré zéro de l'écriture* (1953), *Sade, Fourier, Loyola* (1971), *Leçon* (1978)– do trigono língua, escrita, estilo. De contar Lombardo coa image, esse corpo nom estaria tam desarrougado: resultaria, ademais, crível. Em outro caso, fica um discurso negativo, que se borra a si mesmo, roça o inverossímil e peor,... case carece de valor. Coa image entenderiam-se tamém outras cousas, ainda que haberia que cambiar algo da explicação. Aquel corpo a corpo contra a language nom se resolveria nem num «antes» nem num «despois» senom num «sem palavras», na image. Mais, entom, quiçá tampouco corpo,...

## (26) Lund

Em *L'aventure du signifiant* (LAS, 1981, 124p.), Lund ensaia uma peculiar leitura de Barthes, delimitada e parcializada na sua perspectiva e no seu alcance. Desde *Le degré zéro de l'écriture* (1953) até *La chambre claire* (1980), Lund usa desigualmente os textos barthesianos. Ademais, a pertinência ou sesgo escolhidos e desenrolados arrancam e enraízam-se tanto em Barthes canto no intertexto barthesiano.

Pois bem, Lund percorre os textos barthesianos em sentido cronológico, traçando e tratando na sua interpretação, uma continuidade temática: partida da escrita, combate crítico, tentativa semiológica, intervenções semiocríticas, teoria do texto e texto do teórico, e um «a título de conclusom». Esta distribuição, a pesar do componente ou anoamento estético, motor e arranque, permanece lastrada na actividade e perspectiva críticas barthesianas, que actuam como moderadoras ou temperadoras nos textos científicos. Ademais, Lund dedica as citadas intervenções semiocríticas a Derrida e Lacan. Esta digressom intertextual nom carece de interesse; resulta quicais inecessária ou quicais tam necessária como muitas outras, essas, nom praticadas.

«Trois instances ont marqué ce parcours: la théorie, l'activité critique, le plaisir. D'autres l'auraient pu: il s'agit d'un choix. Suspendu (non moins sans un certain arbitraire) au tournant que marque cette fois l'avènement de l'imaginaire, le signifiant, cependant, poursuit son aventure. Profitons ici de l'étymon: originellement, *l'aventure*, c'est aussi *l'avenir*: ce qui doit avenir. (LAS, 116)».

Uma eleição nom aforra, exige consequências: teoria, actividade crítica e prazer, como claves de leitura, e significante, como patente ou como garantia dumha textualidade contínua de *Le degré zéro de l'écriture* (1953) a *La chambre claire* (1980), encontram várias objecções.

Assi, a teoria, o teórico resultam termos ambíguos, amplos,... adequados para minimizar os rigores científicos. Lund le *Éléments de Sémiologie* (1964) e *Système de la mode* (1967), talvez escoitando a Barthes, como tentativa semiológica. Consequência: a crítica –limadas as arestas essas ou talvez laminado o seu encoframento científico– queda um pouco sem suporte, sem base. Nom é de estranhar, entom, que, ao plantear a semiocrítica, Lund emprenda uma excursom por Derrida e Lacan. Por outra parte, coa crítica enfatiza-se o histórico: Lund amosa alguns pa-

radoxos no papel da história nos textos barthesianos. Por exemplo, na p.46, a relação entre história e metalinguagens em *Éléments de Sémiologie* (1964) e *Système de la mode* (1967). A sua solução parece interessante; ainda que talvez não se deva generalizar. Finalmente, o prazer comparece como instância de escrita: cláusula permissiva, licença ou desenvoltura. Que facilita, de *Le degré zéro de l'écriture* (1953) a *La chambre claire* (1980), uma textualidade contínua. Ora, ao nosso ver, com e sem apelação ou recurso ao significante, esta parece duvidosa. Desde *Le degré zéro de l'écriture* (1953) até *La chambre claire* (1980), «uma» textualidade?: Singelamente, na nossa opinião, nem entre *Roland Barthes* (1975) e *Fragments d'un discours amoureux* (1977). E ainda, isso, aquela continuidade, como poderia defender-se?: Lund indica a conexão, mas elude os textos. E, também, Barthes trata a significância: significante, significado, signo, referente,...

Agora bem, estas considerações todas não merecem a legitimidade da sua eleição. Lund realiza, por outra parte, interessantes análises concretas.

«Nous pouvons revenir à notre point de départ: l'identité en acte du métalangage et la connotation dans la détermination du mythe, et affirmer ce que nous n'avons avancé que sous forme hypothétique: le mythe est à la fois langage connotatif et métalangage: c'est un second système qui (à la lettre) traite d'un premier système pour proférer son propre message, un langage connotatif qui parle du langage-objet pris en charge. Ce statut ambigu ne doit être réservé au seul langage du mythe. (LAS, 48-49)».

Esta questão em *Mythologies* (1957), com outras de caráter similar em *Éléments de Sémiologie* (1964), embaçam ou impugnaram, segundo alguns autores (i.e., os críticos lingüistas), a viabilidade científica da semiologia barthesiana. Lund mostra como não se reduz a uma confusão terminológica: este possível erro dos termos conleva um acerto nos feitos. Assim, sinala Lund, o mito não é só discurso «no» discurso senão também discurso «sobre» o discurso. Tal aproximação, bosquejada em *Mythologies* (1957), confirma-se e completa-se em *Système de la mode* (1967). Isso não implica, por suposto, a indistinção de ambas noções senão, segundo Lund sublinha em Barthes, uma modificação das suas relações.

## (27) Mallac & Eberbach

Em *Barthes* (MEB, 1971, 139p.), Mallac & Eberbach seguem os passos da andadura barthesiana. O livro cola-se quase completamente à literalidade textual: a interpretação vem a ser um resumo, com algumas digressões, dos textos barthesianos. Publicado em 1971, compreende desde *Le degré zéro de l'écriture* (1953) até *S/Z* (1970). Esta circunstância condiciona toda a exposição.

A grandes rasgos, Mallac & Eberbach apresentam quatro momentos na produção barthesiana: análise temática, reflexo sobre a linguagem literária, análise semiológica e análise textual. Altera-se minimamente a ordem cronológica; algumas associações textuais resultam curiosas. Na análise temática, por exemplo, vencelham-se *Michelet par lui-même* (1954) e *Sur Racine* (1963). Não deixa de ser interessante, mas em *Sur Racine* (1963) talvez atuem outras chaves (como forma, função,...) que, canto

menos, distánciam o tematismo. Similarmente sucede com *Le degré zéro de l'écriture* (1953), *Essais critiques* (1964) e *Critique et vérité* (1966), na reflexom sobre a language literária: existe, sem dúvida, umha continuidade na problemática, pero, quiçais, os matizes diferenciáis sejam tanto ou máis importantes. Matizes devidos menos a esses mesmos textos, que aos intercalados. Assi, entre *Essais critiques* (1964) e *Critique et vérité* (1966) nom se pode obviar ou eludir *Éléments de Sémiologie* (1964). Polo demais, ainda que Mallac & Eberbach acostumam aforrar ou ajustar os comentários, a exposiçom obedece a certos presupostos.

«Il est difficile de surestimer la portée de *Système de la Mode*. 'Livre de méthode', cet ouvrage constitue la charte d'institution de la sémiologie (au sens où cette science a été postulée par Saussure), et en deviendra vraisemblablement le manuel et le traité fondamental, en même temps qu'il apparaît comme le *Discours de la méthode* barthésien. La fécondité de la méthode de micro-analyse inaugurée dans ce texte se révélera tout particulièrement dans *S/Z*. (MEB, 95-96)».

Mallac & Eberbach descansam a sua interpretaçom sobre a unidade de método nos textos barthesianos. Em *Système de la mode* (1967) cerraria-se o processo de constituiçom e abririam-se as canles das aplicaçoms vindeiras.

De feito, estas hipóteses caem por si soas. Nom avonda com afirmar a existência dum método barthesiano: é preciso mostrá-lo, compre explicá-lo,... e aceitando como tal a semiologia, esta apenas pode retrair-se aos anteriores a *Éléments de Sémiologie* (1964),... a menos que se entenda que aquela é o método da sua mesma constituiçom. Podem formular-se, talvez, paralogismos; sem confirmaçom nos textos barthesianos. Ora bem, ¿como plantejam, ou máis bem chegam a plantear, Mallac & Eberbach as cousas neses termos? Quiçais a explicaçom resida menos na carência de aparato analítico e máis na falta dum problema práctico. Cal?: ¿um, dous, tres,... cantos Barthes?. Em efeito, estes autores –que contam cos textos entre *Le degré zéro de l'écriture* (1953) e *S/Z* (1970)– desconhecem, pois, a ruptura, esboçada ja em *S/Z* (1970), que tragerá novos plantejamentos numha outra esteira (a polo geral denominada estética) com *Sade, Fourier, Loyola* (1971), *Nouveaux essais critiques* (1972), *Plaisir du texte* (1973) e *Roland Barthes* (1975). Assi, resulta-lhes doado entender a relaçom entre a crítica e a ciência, no percurso barthesiano, como umha progressom e nom umha ruptura. Ora, nom so a virage estética (ou, logo ainda, anos despois, a torçom mística) permite descobrir a discontinuidade nos textos anteriores. Os comentários normalmente atopam-se com este problema: os vários Barthes, a pluriformidade do seu empreendimento. Se optam pola unidade, como tamém normalmente ocorre, devem propor soluçoms.

Em calquer caso, volvendo aos citados autores, entre *Système de la mode* (1967) e *S/Z* (1970) dá-se umha mutaçom metodológica: cámbiam os pressupostos, os interesses, as ferramentas, as conclusoms. Outras cuestions tenhem interesse.

«L'intentionnalité de l'homme dans le monde est homologue avec l'intentionnalité de l'écrivain 'dans' le langage, pourrait-on dire. Le critique, par conséquent, se voit dans la même nécessité que le phénoménologue de s'aider des sciences modernes, de la psychanalyse jusqu'au structuralisme linguistique et anthropologique, il veut parler avec intelligence des ces systèmes autonomes de signes qui remplissent la fonction d'interrogation requise par la littérature moderne. (MEB, 53)».

As referências e comparações coa fenomenologia, concretamente com Merleau-Ponty, dam-se com frequência, apontam-se no trabalho destes dous autores. Isto resulta interessante, sobre todo se se tem em conta a ulterior importância do fenomenológico em textos como *La chambre claire* (1980).

## (28) Patrizi

Em *Barthes o le peripezie della semiologia* (PAB, 1977, 176p.), Patrizi examina a evolução das actitudes, as propostas e as expectativas barthesianas em torno à semiologia. Sem dispor dumha perspectiva completa, este livro publica-se em 1977, Patrizi arrisca conclusões posteriormente confirmadas.

Na sua interpretação, Patrizi refai o trajecto semiológico barthesiano, desde os textos recentes até os precedentes. Segue catro etapas: melancolia do signo; felicidade do signo; responsabilidade do signo; e contradições do signo. Trata-se, máis que dum percorrido cronológico, de diferentes escalas a partir dum fito textual nos textos, terminando cada imersom nos passados num retorno ao presente. Estes fitos som, nas respectivas calas: *Roland Barthes* (1975),... na primeira; *Plaisir du texte* (1973), *Sade, Fourier, Loyola* (1971),... na segunda; *Essais critiques* (1964), *Le degré zéro de l'écriture* (1953), *Mythologies* (1957),...na terceira; e *Éléments de Sémiologie* (1964), *Système de la mode* (1967),... na quarta. Ademais, a sua reflexom sobre a semiologia descansa ou entronca no exame dum outro assunto: Barthes como intelectual. Daí umha revisom textual, atenta à subjectividade e o social, com notas interessantes.

«Invece nell'ottica del discorso sulla merce, possiamo dire che il mito è rappresentato dalla sostituzione del valore d'uso della foto (la conoscenza del momento quotidiano di quotidiana vita militare che essa raffigura, con tutte le sue connotazioni politiche) con il valore di scambio che la foto assume dal circuito (stampa, pubblico, ecc.) in cui é immessa. Il senso della foto allora non è più in relazione col referente, ma deriva, relazionalmente, dalla scala di valori sociali e politici a cui il discorso che la foto svolge si richiama. (PAB, 97)».

Patrizi critica a noção de mito exposta em *Mythologies* (1957), baseada numha leitura parcial ou um uso restringido de Marx: na sua teorização, Barthes teria contado com *A Ideologia Alemá*, desconhecendo ou relegando *O Capital*. Consequência: umha noção incompleta, na que se limita a autonomia do mito, falta a sua complexom sistémica,... na teoria marxiana do valor, em troques, Barthes poderia ter achado um modelo estrutural.

Ora, deixando estas considerações sobre as fontes marxianas, provavelmente acertadas, as críticas de Patrizi nom som totalmente exactas. Em *Mythologies* (1957), falta o sistema, o mito explica-se na sua singularidade, pero conhece-se a sua autonomia, nom se entende pola relação signo-referente senom por umha complexa relação significante-significado. A superposição do valor de uso e valor de câmbio, como no citado exemplo, resulta inexacta. Certamente, Barthes ignora a mitologia como sistema: explica, porém, relacionalmente o mito. Por outra parte, Patrizi dá por saldada esta carência sistémica noutros textos, nos que as soluções barthesianas

semelham máis bem duvidosas. Interessantes, tamém, soem ser as suas considerações sobre Barthes como intelectual.

«Proseguendo su questa strada, e radicalizzando la sua evasione dalla storia, Barthes mostra continuamente di perdere queste motivazioni iniziali, di valore intellettuale: la spinta a la sua personalissima avventura ora gli viene da un'utopia di annullamento, non solo della storia, ma della propria identità, nella cultura, nei codici che la regolano; l'utopia di una felicità di scrittore, qual era in Voltaire, che lo sottragga alla cativa coscienza. (PAB, 163)».

As previsions de Patrizi resultarom bastante agudas: adverte-se, a partir de *Fragments d'un discours amoureux* (1977), um certo descompromisso, umha virage na escrita, isso si, nom como anulaçom senom como afirmaçom da subjectividade,... De todas as maneiras, a comparaçom com Voltaire (co Voltaire pintado por Barthes em *Essais critiques* (1964) e caracterizado ali como «escritor feliz») nom é –ainda aceitando o imaginário político-moral de Patrizi– muito afortunada. Se se admite –tal como o fai Patrizi– o Voltaire barthesiano, ¿por que nom admitir, tamém, fazendo justiça a esse imaginário, um Barthes barthesiano, ocupado na descomposiçom da ideologia dominante, a doxa burguesa? Imaginando-se em tal tarefa, alonja Barthes a má consciência. Voltaire, polo contrário, teria combatido os restos ideológicos do «ancien régime», dirigindo-se a umha burguesia presta ao assalto ao poder político. Entom, ambos burgueses: mais algo diferentes, nom?.

## (29) Reckert

Em «Império dos signos ou imperialismo dos significantes?» (VLB, 1982, pp.57-66), Reckert enjuíza *L'empire des signes* (1970): umha breve e parcial análise crítica modifica, grandemente, as perspectivas da leitura. Ainda que declara contentar-se com explicar o título do livro e a calificaçom, deste polo seu autor, como mitologia feliz, Reckert, neste artigo, termina dando umha interpretaçom global daquel texto barthesiano.

Para Reckert, *L'empire des signes* (1970) articula-se em torno a dous semas ou ideas mestras, o vazio, ou melhor o vácuo, e o erotismo, vencelhadas em e por umha terceira, a language. Assi, Barthes assentaria o vazio na language, relacionaria-o coa língua japonesa e os signos orientais, entre eles os ideogramas que concretam essa língua. Aí seriam vários os erros, os malentendidos,... as limitaçoms que atravessam *L'empire des signes* (1970).

Detém-se, Reckert, na explicaçom dum carácter: «mu»: Barthes equivocadamente apresenta-o como o vazio, cando de nengum modo se corresponde co vazio senom simplesmente com faltar, nom haber, ausente, inexistente, sem,... e da má traduçom seguem-se consequências na interpretaçom. Outras indicaçoms suas som tamém interessantes: a língua japonesa, para Barthes enclave dum sujeito vazio, domínio da modalidade,... é, segundo Reckert, a máis fortemente hierarquizada das línguas de cultura cum vocabulário e morfologia que variam segundo a posiçom social, sexo, idade,... Finalmente, o outro eixo em *L'empire des signes* (1970), o erotismo, despejaria segundo Reckert o caminho cara umha mitologia feliz.

«Sob o império dos múltiples signos menores que o compõem, Barthes abandona-se àqueles fantasmas e à tentação de *jouer* para *jouir*, inventando (como inventamos sempre, talvez, a pessoa que amamos) un certo Japão que se lhe entrega, 'selon un pur projet érotique', para ser reescrito como texto *lisible*, de prazer: uma mitologia feliz. (VLB, 65)».

Enfim, a possibilidade de inventar basea-se num efectivo desconhecimento. Ou quiçais num defeito de experiência. Porque, se canto Reckert critica deve em boa lei ser admitido, a sua solução interpretativa resulta, porém, insatisfatória: verdadeiramente, vale plantear a questão em clave ou termos de textualidade? Nom, segundo nos parece; pois isso parece um elemento, umha parte em outra cousa. Na nossa opinião, deveria-se ler *L'empire des signes* (1970) em termos semiológicos: ora, como umha clave entre aspas. Aquel «império dos signos» xurdiria, entom, como umha orde signica que seguramente nom existe pero que poderia existir; ou máis bem, si existe mais com tal de situar-se um pouco ao longe, andar um pouco por fora... E, em consequência, trataria-se ou melhor encontraria-se, nesse texto, umha «semiologia feliz».

### (30) Verón

No artigo «...Qui sait?» (C36, 1982, pp.49-74), buscando a pertinência sociológica dos textos barthesianos, alinhava-se umha reflexão sobre a ciência. Num simulacro, as suas próprias idas e vidas em torno ao artigo que se vai escrever, Verón situa a questão: ao passar do enunciado à enunciação, acentua-se a responsabilidade social dum texto. Nesse passo, Barthes jogaria as suas cartas sociais e sociológicas.

Nos textos barthesianos, esta problemática liga-se à atitude crítica, a perspectiva ética nos embates coa metalinguagem, a doxa, o poder,... Assuntos nos que se decanta umha concepção reduzida ou parcial da ciência, entendida a partir da transmissão do saber, do ensino. Barthes, segundo Verón, contemplaria o anverso, a produção do discurso científico e esqueceria o reverso, o reconhecimento de dito discurso, o seu cumprimento ou realização como saber. Do um ao outro pólo invertem-se as relações entre meta-linguagem, aspecto considerado e combatido nos textos barthesianos, e linguagem-objecto. Verón, daquela, define a ciência como um efeito de sentido. Modificadas estas premissas, aceita e reconhece a crítica barthesiana.

«Le travail permanent sur l'énonciation, qui était *son mode à lui* de reprise des autres discours du savoir, entraîne une refictionnalisation: effet à mon avis inévitable et salutaire, car dans notre condition post-moderne le grand oubli porte sur l'*écriture* du savoir et non pas sur le contrat référentiel: plus les sciences sociales s'institutionnalisent, plus elles aiment la Doxa. (C36,72)».

Para Verón, essa interdiscursividade, retomada ou cerzido dos discursos do saber, sustenta o conhecimento. De algumha maneira, assegura a cientificidade. Daí, a importância de despraçamentos e sacudidas, a exigência de assumir o saber como escrita nos textos barthesianos. Em geral, Verón força um pouco as teses de Barthes, aproximáveis, ao menos, à própria: o conhecimento científico como efeito de sentido. Ainda que segue os plantejamentos nos textos, Verón atende máis à teoria que

à prática. Por exemplo, em *Leçon* (1978) recolhe a fórmula sobre a ciência,... deveria talvez engadir a reformulação da semiologia. Considerando isto e aquilo, o de máis aqui e o de máis aló, nom chocaria muito, segundo pensamos, atopar na «ficcionalização do científico» os limites –científicos?– da ficcionalidade.

## Cara outros vieiros

Muitas fórom, sem dúvida, as esteiras alviscadas e esquecidas na espuma dos textos, vários fórom, tamém, os caminhos empreendidos e abandonados na poeira dos comentários: mergulhando «na derrota científica e a deriva semiológica» barthesianas vinhérom a conto, passárom ao lado: ética e política, estética e mística, etc. Cumprirá, ja que logo, convocar novamente os estudiosos, pescudar noutros livros e artigos... escrever um outro capítulo, outras «Leituras de Barthes».

## Bibliografia citada

### 1. Roland BARTHES:

- *Le degré zéro de l'écriture*, Paris, ed. Seuil, col. Pierres vives, 1953; reed. *Éléments de Sémiologie*, ed. Denoël/Gonthier, col. Médiations, 1965; reed. *Nouveaux essais critiques*, ed. Seuil, col. Points, 1972.
- *Michelet par lui-même*, Paris, ed. Seuil, col. Écrivains de toujours, 1954.
- *Mythologies*, Paris, ed. Seuil, col. Pierres vives, 1957; col. Points, 1970.
- *Sur Racine*, Paris, ed. Seuil, col. Points, 1963.
- *Essais critiques*, Paris, ed. Seuil, col. Tel Quel 1964, 1971, col. Points, 1981.
- *Éléments de Sémiologie*, Paris, ed. Seuil, Communications(4), 1964; reed. Denoël/Gonthier, col. Médiations, 1965; reed. *L'aventure sémiologique*, /ed. F. Wahl/, ed. Seuil, 1985.
- *Critique et vérité*, Paris, ed. Seuil, col. Tel Quel, 1966.
- *Système de la mode*, Paris, ed. Seuil, 1967.
- *L'empire des signes*, Genève, ed. Skira, col. Séntiers de la création, 1970; reed. Flammarion, col. Champs, 1980.
- *S/Z*, Paris, ed. Seuil, col. Tel Quel, 1970, col. Points, 1976.
- *Sade, Fourier, Loyola*, Paris, ed. Seuil, col. Tel Quel, 1971, col. Points, 1980.
- *Le plaisir du texte*, Paris, ed. Seuil, col. Tel Quel, 1973, col. Points, 1982.
- *Roland Barthes*, Paris, ed. Seuil, col. Écrivains de toujours, 1975.
- *Fragments d'un discours amoureux*, Paris, ed. Seuil, col. Tel Quel, 1977.
- *Leçon*, Paris, ed. Seuil, 1978.
- *Sollers écrivain*, Paris, ed. Seuil, 1979.
- *La chambre claire*, Paris, ed. Cahiers du Cinéma/Gallimard/Seuil, 1980.

## 2. Sobre Roland BARTHES:

### 2. 1. Livros:

Lund, S. N., *L'aventure du Signifiant, une lecture de Barthes*, Paris, ed. P.U.F., col. Croissées, 1981.

Mallac, G. & Eberbach, M., *Barthes*, Paris, ed. Universitaires, col. Psychothèque, 1971.

Patrizi, G., *Barthes o le peripezie della semiologia*, Roma, ed. Istituto della Enciclopedia Italiana, 1977.

### 2. 2. Artigos:

Buffat, M., «Le simulacre», in *Tel Quel* 47, Paris, ed. Seuil, 1971, pp. 108-114.

Eco, U. & Pezzini, I., «La sémiologie des *Mythologies*», in *Communications* 36, Paris, ed. Seuil, 1982, pp. 19-42.

Flahault, F., «Sur *S/Z* et l'analyse des récits», in *Poétique* 47, Paris, ed. Seuil, 1981, pp. 303-314.

Kristeva, J., «Comment parler à la littérature» in *Tel Quel* 47, Paris, ed. Seuil, 1971, pp. 27-49.

Lombardo, P., «Contre le langage», in *Critique* 423-424, Paris, ed. Minuit, 1982, pp. 726-733.

Reckert, S., «Império dos signos ou imperialismo dos significantes?», in *Varios, Leituras de Roland Barthes*, Lisboa, ed. Dom Quixote, 1982, pp. 57-66.

Verón, E., «... Qui sait?», in *Communications* 36, Paris, ed. Seuil, 1982, pp. 49-74.

L. G. SOTO

Universidade de Santiago de Compostela